

**INFOEDUCAÇÃO E
TRANSEXUALIDADES:
ESTUDOS INICIAIS**

MELISSA MARIA DA SILVA

*Para todas as Travestis que não conseguiram
chegar à universidade, para todas as Travestis
que lutam por sobrevivência, dignidade e inclusão
e para todas que o ódio levou.*

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL E NACIONAL

Jorge Alejandro Santos - Argentina
Francisco Javier de León Ramírez – México
Carelia Hidalgo López – Venezuela
Marta Teixeira – Canadá
Maria de Nazare Moura Björk – Suécia
Macarena Esteban Ibáñez – Espanha
Quecoi Sani – Guiné-Bissau

Ivo Dickmann - Unochapecó
Ivanio Dickmann - UCS
Viviane Bagiotta Botton – UERJ
Fernanda dos Santos Paulo
Cesar Ferreira da Silva – Unicamp
Tiago Ingrassia Pereira – UFFS
Carmem Regina Giongo – Feevale
Sebastião Monteiro Oliveira – UFRR
Adan Renê Pereira da Silva – UFAM
Inara Cavalcanti – UNIFAP
Ionara Cristina Albani - IFRS

**Esse livro passou pelo processo de revisão por pares
dentro das regras do Qualis livros da CAPES**

FICHA CATALOGRÁFICA

S586i Silva, Melissa Maria da.
Infoeducação e transexualidade: estudos iniciais /
Melissa Maria da Silva. – Porto Alegre: Livrologia, 2022.
(Coleção Viramundo; 01).

ISBN: 9786580329311

DOI: doi.org/10.52139/livrologia9786580329311

1. Transexualidade. 2. Biblioteconomia. 3. Infoeducação. I. Título.

2022_0228

CDD 306.768 – (Edição 23)

Ficha catalográfica elaborada por Karina Ramos – CRB 14/1056

© 2022

Permitida a reprodução deste livro, sem fins comerciais,
desde que citada a fonte.
Impresso no Brasil.

Sumário

AGRADECIMENTOS	5
PREFÁCIO	11
TRANSformar. TRANScender. TRANSmutar.....	11
1 - INTRODUÇÃO	17
2 - REVISÃO DE LITERATURA.....	25
2.1 Biblioteca Escolar.....	27
2.2 Infoeducação.....	32
2.3 Transexualidade	41
3 - METODOLOGIA.....	53
3.1 Tipo de estudo	55
3.2 Coleta dos estudos	56
3.3 Análise dos estudos	58
4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO	61
4.1 Análise dos trabalhos excluídos	64
4.2 Análise dos trabalhos incluídos.....	66
4.3 Apresentação por casos	71
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS	87

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao apoio de todos que me viram como um ser humano capaz, pensante e crítico, a todos que me escutaram e me ensinaram com amor e paciência nesse longo percurso. A todos os colaboradores e professores da PUC-Campinas que me aceitaram, me incluíram e me trataram no feminino respeitando a minha travestilidade e identidade de gênero.

Agradeço aos amigos e amigas do curso de Biblioteconomia, especificamente a Alexandre Santos que sempre esteve ao meu lado me animando frente a tantos desafios e tortuosidades do caminho e muitas vezes lutando comigo, a Camila Ferreira minha dita 'esposa' que sempre fez tudo para eu me sentir aceita e que eu sempre pude contar em todos os momentos de luta, a Camila Lima e Juliana de Paula pela amizade sincera e incondicional.

A professora Dra. Cleonice Aparecida por sempre enxergar e me mostrar minhas possibilidades e qualidades, seu apoio fraterno e exigência me fizeram uma travesti melhor e mais experiente. A professora Dra. Valéria Martins por me ensinar muito além da graduação e por todo o seu tato e leveza. A professora Dra. Juliana Meireles pelos incríveis conhecimentos adquiridos, por todo o incentivo na publicação do meu primeiro artigo e pelo apoio vida afora. As incríveis professoras de antropologia teológica Dra. Ivenise Santinon e a Ma. Lúcia Gomes, por me mostrarem os filósofos de maneira tão clara e me mostrarem na prática o amor cristão.

A todos os professores de biblioteconomia por se desconstruírem, adequarem-se e se esforçarem a olhos vistos em me fazer sentir confortável sendo a primeira aluna travesti de vocês. Ao Dr. César Pereira por aceitar a difícil tarefa

de me orientar na escrita de um tema ainda complexo como a transexualidade atrelada à infoeducação, ao Dr. Carlos Wellington por aceitar ser meu coordenador e me auxiliar com inúmeras dicas e indicações de artigos e livros pertinentes.

A Maria Helena Signorelli pela leitura deste material e suas preciosas dicas, paciência e estímulo, a Miriam Sousa por não me deixar desistir em um dos inúmeros momentos difíceis e por me apresentar a biblioteconomia social. A todos do centro acadêmico Adelpha Figueiredo e *Revista Indicium* que me proporcionaram auxílio e momentos bons.

Agradeço a minha mãe Aparecida de Fátima que mesmo sem concluir o ensino básico tornou-se uma mulher forte e sabia, que me criou praticamente sozinha sendo meu pai e minha mãe, que me estimula a nunca desistir dos

estudos e me inspira a ser forte e resiliente como ela. A minha Tia Jocimara, mulher negra, periférica que é a primeira pedagoga e mestra da família. Em memória das minhas duas avós que partiram durante esse período de graduação e que mesmo sem saberem foram as feministas mais batalhadoras que eu pude conhecer e conviver, Maria e Luiza obrigada pelas inspirações e exemplos.

E por fim a todos que leram esse trabalho e que não consegui colocar o nome aqui, vocês foram incríveis comigo, e ao Universo, a mãe Terra e todos os meus Guias espirituais por me permitirem chegar até aqui sendo quem eu sempre quis ser, travesti!

PREFÁCIO

TRANSformar.
TRANScender.
TRANSmutar.

A priori essas palavras iniciais podem ser compreendidas como verbos, o que denotam uma ação e, nesse caso específico, evidenciadas em seus prefixos podem atuar como palavras de ordem, ou desordem, por que não?

Digo isso porque ser Travesti é ser uma corpa e uma identidade dissidente, é ter a resistência como sobrenome e mote de vida, é lutar todos os dias em uma sociedade que invisibiliza e mata essas corporalidades. E como seria esse afronte dentro da Biblioteconomia, uma área tão afeita a classificações e que, ainda, pensa sob uma perspectiva binária?

Eis que para empreender essa batalha surge Melissa Silva, TRAVESTI, vencendo estatísticas (não sem muita luta) e ocupando o espaço dos saberes hegemônicos, ela própria um corpo e identidade que informa e que educa e que tem sua experiência na universidade (como

não poderia deixar de ser) marcada e atravessada por inúmeros casos de transfobia, por muitos acharem que aquele espaço não seria um local para uma intelectual travesti.

Mas TRAVESTI é potência!

E Mel (como carinhosamente é chamada) trafega pelo adocicado e amargo favo do rigor acadêmico e científico para empreender uma investigação original e inédita acerca da Infoeducação e das transexualidades, e que, felizmente, encontra editoras como a Livro-logia que entendem a necessidade e urgência de fazerem com que vozes (e gritos) como os da Mel ecoem e alcancem mais pessoas.

A vitória de Mel é a vitória de muitas. Da ancestralidade de Xica Manicongo, Dandaras e Gisbertas até a ocupação das universidades por Jaquelines, Meggs, Lumas, Leticias, Thifannys, Julias, Saras e

tantas outras que estão, virão e se consolidarão na correlação de forças (e de poder) que é ocupar espaços hegemônicos na construção do conhecimento. Chega de falarem por elas e as entenderem como objetos de estudo, agora elas falam por si e realizam suas pesquisas.

Mel ocupa lugar nesse panteão, e a nós cabe trabalhar o lugar de escuta e aprender com ela.

Afinal, travesti não é bagunça!

Laroyê, Exu Mojubá!

Carlos Wellington Soares Martins

Bibliotecário. Doutor em Políticas Públicas.

Homem gay cis e militante LGBTQIA+

*“Aprendi com as primaveras a deixar-me cortar
e a voltar sempre inteira.” (Cecília Meireles).*

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa trazer luz a emergente questão de pessoas transexuais atuando em cargos de autoridade e de formação em ambientes de educação, especificamente a biblioteca escolar. A biblioteca transformou-se com o passar dos séculos e conseqüentemente a função do bibliotecário também, com as gerações as bibliotecas deixaram de ser arquivos fechados e tornaram-se gradual e lentamente aberta aos públicos diversos até a era contemporânea em que existem bibliotecas temáticas e específicas para todos os nichos de mercado e público.

Desde a sua colonização o Brasil recebeu vários movimentos religiosos dentro do catolicismo com a finalidade de catequizar a população local, os jesuítas destacaram-se por fundarem as primeiras escolas destinadas a alta classe, clero e nobreza por meio da Companhia de Jesus.

Após a chegada da família real no

Brasil em 1808, com a transferência da corte para o Rio de Janeiro, o país precisou construir escolas, teatros e bibliotecas para dar suporte, educação, cultura e distração a mais de 15 mil pessoas. Embora já tenham se passado mais de 400 anos desde a fundação da primeira escola e 200 anos da Biblioteca Nacional, no Brasil, a sociedade continua com seus paradigmas a serem quebrados e metas a serem alcançadas no que tange a atuação educacional e bibliotecária como um todo.

As transformações históricas do espaço biblioteca, da educação e do fazer bibliotecário mostra o quão agregador é essa área e quão infinitas possibilidades de transformações ela proporciona. Indo ao encontro das transformações sociais depara-se com as bibliotecas escolares, lugar do primeiro contato para muitos seres humanos com o universo dos livros, literatura e diversidade cultural.

O acesso à educação é um direito de todos os brasileiros conforme artigo 205 da constituição nacional, porém nem sempre foi assim, em menos de um século atrás é possível evidenciar por meio da história o déficit e atraso na educação em todos os estados do território.

Mediante a história nacional referente à biblioteca escolar e acesso à informação por todos, mesmo que a passos lentos observa-se evoluções, desde sua colonização até a atualidade, muitas questões começaram a entrar em pauta, questões essas que seriam impensáveis há séculos atrás, como por exemplo pessoas trans em espaços de educação formal como educadores.

A presente pesquisa vem contextualizar a importância de profissionais transexuais na área da biblioteconomia e mais especificamente o seu papel social integrador e transformador como infoeducadores em biblioteca escolar (B.E). O objetivo geral desta pesquisa é

mostrar o papel social que bibliotecários trans podem desempenhar como infoeducadores em B.E, e como objetivo específico como a atuação dessas pessoas pode desestigmatizar a hierarquia heteronormativa e patriarcal de poder em relação a corpos trans junto a espaços escolares de formação básica e bibliotecas, caracterizando-se de natureza exploratória.

A justificativa para essa pesquisa é que se torna necessário, relevante e não apenas atual ou modismo abordar a questão da transgeneridade, transexualidade, travestilidade e gênero além do masculino e feminino na biblioteconomia, aprofundando-se na temática transexual para desmistificar as conotações pejorativas dada historicamente a esse grupo social. Além do exposto, uma dificuldade encontrada foi a falta de material produzido com o foco no campo da biblioteconomia demonstrando assim a pouca inserção de profissionais travestis

e transexuais nessa área e consequentemente na educação em si.

Por não encontrarem-se referenciais teóricos sobre transexuais atuantes especificamente com infoeducação, uso neste trabalho materiais produzidos referente às ações de professores transexuais e travestis nas redes públicas municipais e nacionais, sendo que a infoeducação se apropria de toda uma 'ação pedagógica', inerente também a formação e atuação do professor.

A transexualidade, em uma perspectiva social, é uma temática fundamental a ser desenvolvida e estudada dentre vários conceitos. Nas ciências sociais diversos estudos vêm sendo publicados como os de Carrijo et al (2019) onde aborda-se questões sobre a produção acadêmica de e sobre transexuais dentro das universidades e o de Torres e Prado (2014) que abordam a questão da travesti como educadora pelo viés social em organizações não governamentais

(ONG's) e em seus próprios grupos.

Ao escrever-se sobre a atuação de travestis e transexuais na biblioteconomia pode-se dar voz a uma classe ainda minoritária, porém com o apoio da sociedade como um todo e em especial a educação, espera-se com este trabalho contribuir para a normalização destes corpos em todos os ambientes, inclusive nas bibliotecas escolares. Ao se normalizar e incluir pessoas ditas marginais e excluídas os profissionais bibliotecários e o espaço biblioteca estão indo ao encontro do juramento da profissão que é:

"Prometo tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana" (Conselho Regional de Biblioteconomia da 8ª região, 2017).

2 - REVISÃO DE LITERATURA

Este item procura evidenciar o referencial teórico visando possibilitar compreensão sobre a biblioteca escolar item 2.1, infoeducação, item 2.2 e transexualidade item 2.3.

2.1 Biblioteca Escolar

A palavra biblioteca deriva do grego biblo + teca que em tradução literal seria caixa de livros, porém a biblioteca contemporânea caracteriza-se por não ser mais apenas um local de guarda e preservação. Hoje devido a inúmeras evoluções tecnológicas a biblioteca tornou-se um espaço de troca, aprendizado, ensino, convivência e não se restringe mais ao espaço físico em si, demonstrando claramente que a biblioteca é um organismo em crescimento.

Uma biblioteca caracteriza-se por:

- Intencionalidade política e social;

- o acervo e meios para sua permanente renovação;
- o imperativo de organização e sistematização;
- uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas; e, por último, mas não menos importante, o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca. (LEMOS, 1998, p. 347 apud Paiva e Duarte, 2017).

A intencionalidade é o foco primeiro, e decorrente dela se ramificam os tipos de bibliotecas e serviços a serem ofertados com base em um estudo prévio da comunidade, pois seguindo os princípios de Shiyali Ranganathan cada leitor tem o seu livro e conseqüentemente cada nicho tem seu tipo de biblioteca.

A biblioteca por si só muda histó-

rias de vida, agrega pessoas, formam círculos e deixa marcas, além de oferecer, promover, tratar, hospedar e disseminar informações seja em qualquer formato. A biblioteca oferece ao ser humano a possibilidade de sair da esfera do senso comum, do não saber e adentrar em um mundo de inúmeras possibilidades, conhecimento e distrações.

A biblioteca destinada à formação contínua e específica existe desde a antiguidade e sua evolução é constante, de um espaço apenas para universitários e religiosos, sempre sisudas e fechadas como mostrado em *O nome da rosa*, obra de Umberto Eco, chegamos hoje às coloridas e integradoras bibliotecas escolares.

O Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) descreve e objetiva que:

[...] o tipo de biblioteca é determinado pelas funções e serviços oferecem,

pela comunidade que atende, e pelo seu vínculo institucional. [...] E tem por objetivo atender os interesses de leitura e informação da sua comunidade e trabalha em consonância com o projeto pedagógico da escola na qual está inserida. (BRASIL, SNBP, 2015).

Em consonância com o SNBP a B.E está a serviço do projeto pedagógico de sua escola, sendo que seu acervo e atuação do bibliotecário escolar ou infoducador tem que serem projetados para tal, de forma que o responsável sempre participe das reuniões e decisões junto com todo o corpo docente. Para o melhor planejamento e produção da estratégia a ser seguida é essencial o estudo da comunidade tanto pela escola quanto pela B.E, somente após realizá-lo é possível a compreensão real do público e assim projetar ações que vão ao encontro das necessidades.

No Brasil a lei 12.244/2010 dispõe

sobre a função da B.E regulamentando seu formato, a obrigatoriedade de bibliotecário, promove sua universalização em todo o território nacional, além de exigir no mínimo um título para cada aluno matriculado. (BRASIL,2010). Biblioteca escolar é um espaço que vai além da guarda e preservação de livros, é um espaço essencial que promove o acesso, o gosto pela leitura, a troca de experiências e saberes e guia o usuário para a autonomia e uma leitura crítica da sociedade (CAMPELLO, 2008).

Destacam-se outras atuações pertinentes a escola e a B.E contemporânea como: ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar o próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; independência e autonomia; ter articulação entre teoria e prática; ser aprendiz autônomo e a distância. Os desafios atuais

da escola e B.E são inúmeros pois ela não pode distribuir poder de forma concreta, porém pode construir e reconstruir conhecimentos, que é uma forma de poder (GADOTTI, 2000).

As bibliotecas escolares por estarem na base são essenciais para o desenvolvimento de uma sociedade mais humana, igualitária e justa, seu papel é indispensável para a formação de seres humanos mais autônomos, críticos e responsáveis criando hábitos saudáveis e sustentáveis desde a infância.

2.2 Infoeducação

Os meios de informar e informar-se evoluíram com o passar dos anos, hoje usamos meios tecnológicos bem distintos das primeiras tabuletas de argila do século III A. C (Antes de Cristo), porém como se apropriar das novas

tecnologias para uma comunicação mais eficaz e pontual? A infoeducação surge como resposta para deixar essa tarefa mais compreensível e palatável.

Face ao desenvolvimento tecnológico, histórico e cultural em suas diferentes dimensões, tanto informar como informar-se são atividades não apenas cada vez mais imbricadas, mas também cada vez mais complexas e especializadas, envolvendo dispositivos, saberes e fazeres que, por suas características e condições, necessitam ser, eles próprios, continuamente desenvolvidos e apropriados, cultivados e redimensionados, como condição de sobrevivência e participação no universo do conhecimento e cultura. (PERROTTI; PIERUCCINI, p. 51. 2007).

A infoeducação surgiu como tentativa de compreender e abrir novas perspectivas entre as relações históricas de educação e informação em 1989 na Esco-

la de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Na época, o grupo de estudos coordenado pelo Professor Dr. Edmir Perrotti é inicialmente composto por alunos de especialização do departamento de biblioteconomia e documentação da ECA/USP e outros profissionais especialistas em diferentes áreas do conhecimento.

Os estudos iniciais interdisciplinares lançaram base para as compreensões atuais da infoeducação, termo que só foi cunhado por Perrotti no ano 2000 para nomear o 1º Colóquio Brasileiro de Infoeducação realizado na ECA/USP.

Além de unir os saberes teórico e prático a infoeducação atribui sentido e valor a cada etapa até se chegar ao conhecimento final. Ou seja, considera os princípios práticos da infoeducação e possibilita ao sujeito conhecer de forma sistemática tanto os referenciais conceituais quanto os metodológicos que

abarcam as relações entre os dispositivos informacionais. Na atualidade vale pontuar que a biblioteca escolar é apontada como instância privilegiada ao desenvolvimento sistemático das aprendizagens informacionais.

Com essa interpretação pluralista e inclusiva a infoeducação não separa os procedimentos dos conceitos, a forma do conteúdo, nem os domínios operacional, metodológico e epistemológico ela une tudo de uma maneira própria, significativa e qualitativa capacitando o usuário na decodificação, interpretação, difusão da informação e o colocando como protagonista, sujeito produtor de informação e cultura (PERROTTI, 2016).

O infoeducador ao esclarecer os seus educandos e frequentadores da biblioteca as questões que lhe são perguntadas, pode explicar também como interpretar o espaço temporal em que aquela informação foi produzida, o re-

corde de quem escreve, para que e quem se destina, os usos já feitos desse material bem como buscar e checar a veracidade das fontes.

A infoeducação é um dos nichos da biblioteconomia onde o profissional pode desempenhar um ativo papel social, visto que é tida como método especial de atuar e interrogar a informação a fim de compreendê-la. Sendo assim o infoeducador ensina aos usuários como buscar, selecionar e a usar a informação para o seu crescimento intelectual e em sociedade.

A ação do infoeducador colabora com a autonomia do usuário e o auxilia no despertar do pensamento crítico, mostrando a ele as possibilidades em relação à busca por informação e como transformá-la em conhecimento.

Partindo da afirmação que a educação mesmo globalizada não é neutra

(GADOTTI, 2000), cabe a nós profissionais de atuação escolar como um todo e inclusive os infoeducadores em B.E torná-la o mais acessível e com o menor viés ideológico possível, educando para a igualdade, compreensão, autonomia e tolerância (PERROTTI, 2016).

Ao se levar em conta a questão da educação popular inspirada por Paulo Freire na década de 1960, resgata-se conceitos como a democratização do acesso e interpretação da educação usando como base a vivência empírica do grupo. A partir dessa experiência comum que o infoeducador pode e deve se apropriar e usá-la como base para interagir com os infoeducandos gerando novos conhecimentos significativos e de qualidade (GADOTTI, 2000).

A ação do infoeducador acontece sempre em dois polos, ele se aproveita do passado e do futuro para orientar a melhor forma de agir e isso já nos leva

às questões tecnológicas atuais e futurísticas, pois estamos na era da tecnologia, porém a mesma não é acessível a todos. Embora a tecnologia proporcione acesso à educação de inúmeros lugares, para o usuário poder interpretá-la sozinho faz-se necessário um infoeducador que o oriente em aspectos como a confiabilidade dos sites além de todos os outros pontos que é capaz de proporcionar.

O fenômeno da constituição da infoeducação pode ser comparado ao surgimento das enciclopédias, momento em que o paradigma da conservação é trocado pelo da difusão cultural e social, ou seja, a infoeducação relembra com mais tecnologia e novos olhares as ações da época iluminista (PERROTTI; PIERUCCINI, p. 62. 2007).

Ao ser criada a infoeducação quebrou paradigmas ao transpor limites rígidos e hierárquicos, unindo saberes

científicos, populares e culturais. As pesquisas iniciadas deram frutos e alguns dos projetos base se fixaram como os projetos “Baixo Pinheiros e Memórias de Vida”, desenvolvidos em parceria com bibliotecas infanto-juvenis vinculadas a secretaria da cultura da cidade de São Paulo e implantado em 1997 na biblioteca infantojuvenil Álvaro Guerra.

“Feito Teseus da contemporaneidade, vivemos hoje em labirintos sígnicos, necessitando de ferramentas e apoios especializados para sobreviver ao minotauro” (PERROTTI e PIERUCCINI, p.52, 2007). Nesse contexto, o infoeducador surge como o profissional capaz de guiar, ensinar, desmistificar e conectar as pessoas a diferentes conceitos e situações que envolvem informação, educação e cultura.

O infoeducador jamais pode esquecer que mesmo com a sua atuação pedagógica ele ainda lida com informa-

ção em uma perspectiva sociocultural e
sínica plurais o que significa ter a habi-
lidade de adequar as duas atuações em
prol de uma melhor absorção da infor-
mação e do conhecimento nas suas in-
terloquções (PERROTTI, 2016).

Por levar em conta as fraturas his-
tóricas relacionadas à educação, infor-
mação e cultura, a infoeducação atenta-
se ao diálogo e não apenas a produção e
comunicação do conhecimento, mas
também a apropriação, criação e recria-
ção da informação na direção de atribuir
significado sobre as memórias coletivas.
Com essa postura a infoeducação trans-
forma o usuário do ambiente o elevando
ao status de protagonista cultural social
de modo a continuar o ciclo de conhe-
cimento e informação (GADOTTI, 2000.
PERROTTI, 2016)

Levando em conta que o infoedu-
cador muitas vezes serve de guia e isso
“significa orientar criticamente, sobretu-

do as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer” (GADOTTI, P. 9. 2000), por meio de ações e “intervenções afirmativas na cultura de nossa época” (PERROTTI,2016), indo ao encontro desses princípios a atuação de profissionais transexuais e travestis possibilita quebrar paradigmas em relação a este nicho, educando também para aceitação de gêneros divergentes do binarismo homem e mulher.

2.3 Transexualidade

Uma realidade que sempre existiu e que com os atributos e competências da infoeducação pode começar a ser abordada e desmistificada, não sem certo tabu são os papéis de gênero na sociedade incluindo pessoas transexuais. Logo, se faz necessário apresentar a categorização da população trans. Utili-

zaram-se algumas orientações e procedimentos operacionais presentes no levantamento realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais, bem como sua categorização da população trans (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020):

a) **Travestis:** Pessoas que foram identificadas como sendo pertencentes ao gênero masculino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao gênero feminino e tem expressão de gênero feminina, mas não se reivindicam como mulheres da forma com que o *ser mulher* está construído em nossa sociedade;

b) **Mulheres Transexuais:** Pessoas que foram identificadas como sendo pertencentes ao gênero masculino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao gênero feminino e se reivindicam como mulheres;

c) **Homens Trans:** São aquelas pessoas que foram identificadas como sendo pertencentes ao gênero feminino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao gênero masculino e se reivindicam como homens;

d) **Transmasculinos:** São aquelas pessoas que foram identificadas como sendo pertencentes ao gênero feminino no nascimento, mas que se reconhecem como pertencentes ao espectro do gênero masculino, tem expressão de gênero masculina, mas não se reivindicam da forma com que o *ser homem* está construído em nossa sociedade (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020).

QUADRO 1- Termos sobre identidade de gênero

Transexualidade	Categoria com viés clínico originado na área da saúde e durante muito tempo atrelado a pessoas que se submetiam à cirurgia de redesignação sexual.
Transgeneridade	Categoria das Ciências Sociais e Humanas com foco no gênero como construção social e histórica
Travesti	Categoria política especificamente da América Latina e com forte presença no Brasil
Trans	Categoria considerada guarda-chuva para todos os termos que podem designar a população trans em toda sua pluralidade

Fonte: Autoria própria, 2021.

A utilização do termo transexual é usada para representar pessoas nascidas com um sexo biológico e que no decorrer da sua vida descobre não se identificar com este gênero, adequando aparência e nome ao gênero em qual se identifica para atuar em sociedade (MO-DESTO, 2013).

A diferença semântica dos termos travestis e transexuais ainda é objeto de estudo pela sociedade acadêmica e ainda não se tem um consenso total entre as próprias travestis e transexuais quanto ao termo, porém nota-se que pessoas que participam de algum grupo militante acabam aderindo mais a um termo ou outro. O público LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) no Brasil só começou a ter seus direitos reconhecidos após a grande epidemia de hiv/aids entre as décadas de 1980 e 1990, conquistando seu espaço através das políticas públicas da área da saúde (TREVI-

SAN, 2018).

Segundo AMARAL et al (2014), as produções de artigos científicos com a temática travestis e transexuais entre os anos 2001-2010 estão concentradas a maior parte nas áreas médicas, de combate a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e a área psiquiátrica de transtornos de gênero. O que deixa claro um viés social da patologização das sexualidades diferentes do comportamento heterossexual.

A partir dos anos 2000 devido ao aumento de pesquisas acadêmicas sobre essa temática as travestis e transexuais começaram a ter maior visibilidade além do nicho da prostituição (AMARAL et al, 2014). Em novembro de 2006 na universidade Gadjah Mada na Indonésia foi realizada uma conferência com a finalidade de produzir um documento que servisse de guia para os países em relação a aplicação da legislação internacio-

nal referente à orientação sexual e diversidade de gênero, dando origem aos princípios de Yogyakarta. Os princípios de Yogyakarta surgem como mais um elemento na defesa e promoção dos direitos humanos, auxiliando e garantindo direitos aos que aqui chamaremos de outsiders, sujeitos que são considerados humanamente inferiores e alvos de maiores violências. (ELIAS; SCOTSON, 2000)

É a partir das relações de poder entre sujeitos nas escolas que surgem algumas necessidades básicas de direitos como: utilizar o nome social, externar comportamentos femininos, utilizar o banheiro de acordo com sua identidade de gênero, expressar trejeitos e maneirismos, sem ser alvo de humilhações, violências e perseguições (TORRES: PRADO, 2012).

Para Butler (2014. p. 253) “gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino

se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume”. Por essa visão gênero acaba sendo moldado antes do nascimento, após o exame de ultrassonografia identifica-se o sexo biológico do ser humano e tudo é projetado com base nele, confirmando assim as concepções binárias já pré-definidas historicamente onde o homem tem que ser mais rústico e a mulher mais delicada.

A função educativa vem desmistificar o profissional transgênero e travesti como ser pensante e atuante, mudando seu papel de outsider e o inserindo como formador e adultos de referência na tentativa da busca por uma sociedade menos heteronormativa e mais igualitária, situação essa que contribui para inúmeros aprendizados em toda a equipe escolar (REIDEL e SEFFNER, 2015).

Ao exercer essa função em uma

biblioteca escolar o ser humano transexual e travesti além de atender a demanda na busca por informação atua 'desmistificando' o papel marginal relacionado a toda comunidade de Lésbicas, Gays, Transexuais, Bissexuais e Intersexuais (LGBTI) em particular as travestis e transexuais que tem pouca representatividade no ambiente acadêmico e são vistas com maus olhos pela sociedade.

Ressalta-se ainda dois termos guarda-chuva que são comumente usados para se referenciar a comunidade trans na luta pela despatologização, transgeneridade e transexualidade em oposição ao termo transexualismo e travestismo onde o sufixo ismo designa uma patologia (BENTO; PELÚCIO, 2012).

O termo travesti como já abordado ainda é parcialmente aceito pois remete a marginalidade, o que em si já revela um recorte social e político das pessoas que se auto denominam assim.

Normalmente a história é comum à maioria das pessoas de classe C ou inferiores quando se assumem ou quando a família percebe algo fora da heteronormatividade e as expulsam de casa, visto a família não ter bagagem e entendimento para essa situação (CARVALHO, 2018).

Em contrapartida já nas classes B e A acontece um viés de patologização onde o termo transexual é usado para definir de uma maneira mais passável a questão da dissidência de corpo e gênero, as diferenças preliminares são basicamente devido ao recorte social onde as travestis ao serem expulsas acabam indo para prostituição e construindo corpos mais exagerados visando o lucro, enquanto que a transexual por não necessitar de se prostituir e estar em uma classe com mais estabilidade financeira e intelectual adapta-se ao ideal da mulher perante o heteronormativo (CARVA-

LHO, 2018).

Fundamentalmente, observa-se que existem variadas designações de gênero e que tanto para compreender as nomenclaturas e as diversas facetas das pessoas trans e travestis, recomenda-se abertura ao novo, empatia e solidariedade, além de leitura específica. Pois conforme abordado a marginalização e o preconceito acontece devido à falta de conhecimento tanto social quanto familiar, e cabe aos profissionais da informação levá-la como luz para promover a igualdade diminuindo todo e qualquer estigma.

3 - METODOLOGIA

Neste capítulo explica-se a utilização do método de pesquisa exploratória de abordagem qualitativa.

3.1 Tipo de estudo

Trata-se de estudo desenvolvido a partir de análise qualitativa orientada para compreensão de fenômenos. Os estudos qualitativos usam como base, documentos, artigos de jornais, artigos científicos e livros para se compreender a temática escolhida, para essa pesquisa usou-se livros e artigos científicos. Ademais afirma-se que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças,

dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. (MINAYO, 2009, p. 21.)

3.2 Coleta dos estudos

Para a compreensão da temática e identificação do corpus referencial, utilizou-se variadas fontes de informação, destacando-se livros, artigos, teses e dissertações. Todas as fontes foram con-

sultadas em plataformas de acesso aberto com vistas a possível replicação dessas buscas por todos, dentre as quais: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, *Scientific Electronic Library Online* - SCIELO (Biblioteca Eletrônica Científica Online) além de catálogos online de bibliotecas universitárias para eventuais esclarecimentos.

Posteriormente, para a coleta de dados visando o alcance dos resultados, utilizou-se apenas do Portal de Periódicos da CAPES e da Scielo. Para as buscas foram utilizados os descritores: Transexuais e nível superior, travestismo, travestismo na universidade, travesti AND biblioteca escolar, infoeducação AND transexuais todos juntos e em vários campos no site da CAPES, recuperou-se treze artigos, porém nenhum que se atende a resposta da questão norteador-

ra. Refeita e busca apenas com os descritores travesti na universidade foi recuperado um total de trezentos e oitenta e quatro resultados, porém nenhum foi selecionado.

A busca realizada no site da SciELO com o descritor transexuais AND nível superior não recuperou nenhum artigo, com o termo travestis AND universidade recuperou-se quatro artigos, porém nenhum que respondesse à pergunta base. A busca com o termo transexuais AND educação recuperou oito artigos, dos quais dois foram aprovados para essa primeira etapa da pesquisa.

3.3 Análise dos estudos

Buscou-se compreender os estudos recuperados fazendo uma análise que atendesse os requisitos dessa pesquisa e que fosse possível responder as

questões de informações de infoeducadoras transexuais em ambientes de biblioteca escolar. Para isso, foi usada a metodologia de análise de conteúdo disposto por Bardin (1977).

Análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), busca compreender a mensagem contida nas palavras, “evidenciar indicadores”, permitindo categorizar a informação após leitura técnica. A seleção dos documentos seguiu as seguintes regras:

- Representatividade: foram selecionados apenas documentos que representassem a temática proposta;

- Pertinência: os documentos analisados e, posteriormente selecionados, corresponderam aos objetivos e critérios da pesquisa.

Após aplicação da metodologia os estudos foram categorizados em excluídos e incluídos e apresentados em re-

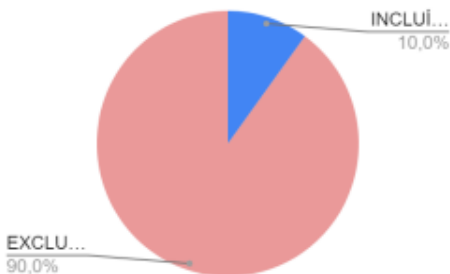
sultados e discussões.

4 - RESULTADOS

E DISCUSSÃO

Após a aplicação da metodologia do estudo, foram identificados 40 trabalhos científicos e 5 livros relacionados ao tema. Desse total, 36 trabalhos foram categorizados como excluídos por não apresentarem relação direta com a temática e, ao todo, 4 trabalhos foram incluídos por abordar especificamente a questão da pessoa transexual no ambiente escolar como educadores (Gráfico 1).

Gráfico 1. Quantidade de trabalhos excluídos e incluídos sobre a temática.



Fonte: autoria própria, 2021.

Como se observa, há muitos estudos não relacionados à temática, mostrado em rosa. Logo, serão apresentados e analisados, assim como os estudos incluídos.

4.1 Análise dos trabalhos excluídos

Os estudos excluídos não tratavam da temática e, portanto, são apresentados, conforme abaixo.

Os trabalhos de Neto et al. (2020) e Romano (2008) abordam a questão da população LGBTIA+ sob o viés da saúde na escola e no Sistema Único de Saúde (SUS), o de NASCIMENTO (2018), sobre mercado de trabalho informal da prostituição nas cidades e o de Rodríguez Osorio (2015) sobre a normalização de corpos trans na sociedade.

Os artigos de Vianna (2015), Lima (2020), Longaray e Costa (2015), Gomes E Barbosa (2018), Sierra e César (2014), Tomizaki e Daniliauskas (2018), Torres, Saraiva e Gonzaga (2020) foram excluídos por abordarem no discurso temas de outros nichos junto ao contexto escolar como sexualidades, preconceitos e punições e estudos que não contemplaram a ação de professores ou infoeducadores.

Os artigos de Sampaio e Coelho (2012), Moretti-Pires et al. (2019), Silva et al. (2020), Ferreira, Francisco e Nogueira (2019), Raimondi et al. (2019), Negreiros et al. (2019), Paulino, Rasesa e Teixeira (2019), Serrano et al. (2019) foram excluídos por abordarem questões médicas e bioéticas em tratamentos hospitalares e áreas de saúde, diferindo totalmente do tema deste trabalho.

Basicamente, trata-se de artigos destinados a compreender as pessoas

transexuais e travestis como objeto de estudo, e não como profissionais formadoras ou infoeducadoras.

4.2 Análise dos trabalhos incluídos

Dos trabalhos incluídos identificou-se 3 artigos, todos relacionados ao papel da pessoa trans como educadora no ambiente escolar, embora os artigos não abordassem especificamente o termo "infoeducação", as ações desenvolvidas pelas professoras transexuais e travestis estão em conformidade com as ações possíveis do infoeducador.

TORRES em seus artigos de 2012, 2013 e em 2014, junto com PRADO, trazem luz a questões de transexuais no ambiente escolar, analisando as dificuldades, transfobias e transformações positivas ocorridas por meio da interação espaço escolar, comunidade e transexuais.

O primeiro artigo foi publicado em novembro de 2012 pela revista de pós-graduação da Universidade federal do Rio Grande do Norte com o título “A transformação de professoras transexuais na escola: transfobia e solidariedade em figurações sociais contemporâneas”. Neste estudo, fica claro que a atuação de duas professoras trans, uma é Marina Reidel de artes na cidade de Montenegro - RS e outra atua no Ensino de Jovens e Adultos e preferiu o uso do pseudônimo de Amaryllis não informando a localidade, apenas o estado de São Paulo, conseguiram movimentar redes de apoio e discussão relacionados a homofobia, transfobia e legislação no ambiente escolar.

O segundo artigo surgiu após a 36ª Reunião Nacional da Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação que aconteceu em Goiânia - GO em 2013 e tem como título “DOCÊN-

CIA, TRANSEXUALIDADES E TRAVESTILIDADES: A EMERGÊNCIA REDE TRANS EDUC BRASIL”. Este artigo relata as experiências de professoras transexuais e as transformações possíveis ao ocuparem espaços escolares e possibilitarem maior desmistificação sobre o local de pertencimento e a capacidade de pessoas trans.

Ao apresentar a Rede Trans Educ Brasil, o autor aborda que a entidade tem 51 professoras transexuais e travestis cadastradas em todo o Brasil até 2012 e que estas atuam de maneira a construir uma nova perspectiva de sociabilidade em oposição às demandas heteronormativas que referenciam as travestis como algo negativo.

O terceiro artigo publicado na revista Educação & Realidade sob domínio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS em 2014 com o título “Professoras transexuais e travestis no

contexto escolar: entre estabelecidos e *outsiders*”, aborda que professoras transexuais e travestis conseguem auxiliar no ambiente escolar com questões de preconceito que estão diretamente ligadas ao baixo rendimento escolar, explicando situações, termos e até confortando discentes e pessoas da comunidade.

Ao falar da temática outsider já abordada neste trabalho, o autor indica que as professoras transexuais e travestis auxiliam o grupo social a qual participam a tratar temas como submissão e superioridade humana, visto que suas trajetórias na educação reflete isso, causando uma alteração na balança do poder heteronormativo associado à educação.

O quarto artigo é da professora trans Marina Reidel e Fernando Seffner, publicado em 2015 na revista currículo sem fronteira com o título Professoras

travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto, artigo este que reafirma os outros já citados e aborda a questão da docência por professoras assumidamente transexuais e travestis. O artigo mostra claramente o potencial transformador, agregador e de alta performance de professoras trans e travestis, por meio de relatos de reconhecimento vindo do corpo discente e até entre seus colegas de profissão.

Esperava-se resultados mais profundos, em especial, a partir da atuação das transexuais enquanto profissionais bibliotecárias e infoeducadoras. Porém, percebeu-se carência de estudos relacionados, o que possibilita a indicação de maiores estudos por parte da comunidade acadêmica.

4.3 Apresentação por casos

Por tratar-se de uma pesquisa acadêmica espero encontrar autores que referenciem a minha vivência como pessoa travesti e atuante além do nicho prostituição, para que eu possa me embasar e mostrar que a inserção de pessoas trans podem mudar minimamente quando estão no mercado formal de trabalho, mudando assim todo o estereótipo criado em torno de nós pela sociedade no decorrer da história.

Trago como exemplo as atuações de Paula Beatriz de Sousa Cruz a primeira trans diretora escolar no estado de São Paulo e da professora Marina Reidel que atuou como professora em Porto Alegre RS, ambas exerceram ofícios além das suas respectivas funções de educação e gestão, levantando e debatendo questionamentos sobre gênero, masculino e feminino, enriquecendo a pluralidade escolar com temas atuais. (REIDEL

e SEFFNER, 2015). Outras poucas pesquisas trazem relatos da atuação de professoras transexuais, mas sem expor suas identidades, mostrando por meio de relatos o dia-a-dia e suas lutas para aceitação mais entre o corpo docente do que com os discentes, que aceitam com facilidade as questões atuais de gênero (TORRES, 2012, 2013, 2014).

Em todos os artigos selecionados fica evidente a questão das professoras trans e travestis buscarem e mostrarem maior aperfeiçoamento e qualificação para exercerem sua função com excelência e conseqüentemente serem aceitas e notadas por meio de sua performance como educadoras além do seu gênero. Outro apontamento é referente ao quão mais parecidas fisicamente e em posturas com a mulher cisgênero dentro do heteronormativo, mais "passáveis" elas se tornam evitando assim o preconceito social relacionado a transexuais e tra-

vestis.

As professoras também apontaram que ao serem contestadas sobre gênero era respondido as questões dentro do que elas escolheram expor para a sociedade e sempre que possível com alguma referência as aulas ministradas, respondendo às questões de transexualidade de forma sutil e conforme demanda dos discentes.

Visto não ter encontrado material específico e para complementar a questão da ação de infoeducadoras transexuais trago minha vivência como estagiária em biblioteca escolar no município de Campinas - SP durante o período de fevereiro de 2018 até janeiro de 2020.

“Antes de mostrar meu trabalho tive que me mostrar como pessoa inteligente, engajada e capaz junto ao corpo docente escolar, pois fui a primeira estagiária travesti do município em uma

biblioteca escolar.

Minha atuação no espaço biblioteca e de acordo com o termo de estágio era na revitalização do acervo e do espaço com base nas técnicas bibliotecônicas aprendidas em sala de aula, não abordarei as questões de dificuldades de gestão e atuação nos aspectos que tangem a administração, aquisição e descarte de materiais do acervo.

A primeira questão enquanto atuante como infoeducadora e travesti em uma B.E foi explicar ao corpo docente como tratar e referenciar pessoas trans, trabalho este feito a passos pequenos e cheio de morosidade, porém com certo sucesso mediante a apresentação das legislações vigentes. Em relação aos discentes o mesmo processo foi mais palatável, visto que os jovens têm maior facilidade de adequarem-se ao novo, então toda vez que eu ia falar a primeira vez com a turma além de explicar como

seria o uso da biblioteca eu já explicava como eles me referenciam.

Na troca que a infoeducação em uma B.E proporciona algumas situações me marcaram em relação a gênero, a primeira foi quando fui contar uma história ao quarto ano e um aluno e uma aluna me reconheceram como igual a tia deles e posteriormente a professora me explicou sobre a transexualidade dessa tia. Outra situação foi com alunos com deficiências intelectuais que eles sempre me perguntavam: Tia você é homem? Ao que eu respondia que nasci homem e estava tomando remédios para me adequar ao que é ser mulher, e a resposta sempre foi: Ah, tá bom, qual livro você vai ler hoje para gente tia.

Em uma única ocasião a turma do primeiro ano, todos bem pequenos começaram a gritar mulher homem quando eu passei no corredor, a professora responsável pela turminha me chamou e

junto comigo explicou para eles o que eu era, e que isso era normal e que eu era apenas mulher, desde esse dia meu relacionamento com os responsáveis pelos alunos e conseqüentemente com a comunidade evoluiu positivamente.

Minhas ações sempre pautadas na sazonalidade e dentro da perspectiva do projeto pedagógico da escola me proporcionaram grandes possibilidades e diversidade de ações, após identificar todas as questões sobre o acervo, incluindo compras e descarte, consegui uma doação substancial vinda do instituto CPFL (Companhia Piratininga de Força e Luz), o que trouxe um início de novidade no ambiente e uma afirmação da minha capacidade enquanto infoeducadora travesti.

Realizei uma ação permanente da biblioteca junto à direção sobre o *bullying*, por meio de livros, rodas de leitura e conversa durante os intervalos em

complemento a série de palestras que a escola já proporcionava. Uma das grandes questões percebidas entre os discentes era uma insatisfação com a própria aparência o que originou a caixa dos elogios, onde os alunos eram instigados a deixar mensagens de alegria, superação e auto aceitação para os outros colegas, mensagens estas que depois foram coladas de modo a formar os galhos dos elogios.

Como uma ação completa a outra e a parte artística lúdica consegue prender a atenção dos discentes, fiz várias oficinas de desenhos e depois os colava no mural. Realizei também a primeira oficina de artes ensinando a fazer filtros dos sonhos, contando sua história e conotação indígena. Na semana do meio ambiente promovi a oficina de flores de papéis recicláveis com a finalidade de decorar a biblioteca para a primavera, além de oficinas de mandalas e recortes

temáticos.

Quando não foi mais possível fazer ações dentro da biblioteca iniciei a ação do jardim sensorial em volta da biblioteca, onde os alunos trouxeram plantas aromáticas, temperos, flores e mudas para compor o ambiente, a finalidade dessa ação foi proporcionar outro ponto de observação para as aulas de ciências além da horta que a escola cultivava.

Consegui atuar de forma positiva, ampliando, revendo e promovendo não só o acervo, mas a biblioteca como um todo e como um lugar de leitura por prazer, situação que me aproximou muito de todos os alunos do ensino fundamental I e II e EJA (Educação de Jovens e Adultos). E o papel que eu percebo ter feito foi o que a comunidade me falava, que quando eles sabiam que tinha uma travesti na B.E dos filhos deles, eles iam imediatamente me conhecer e após isso

mudavam toda ideia projetada quando os filhos chegavam em casa contando da tia travesti da biblioteca.

Minha atuação ainda é precursora, solitária e pequena nesse nicho, ainda mais me apropriando da infoeducação para agir, mas o que eu aprendi em todo esse processo de estágio foi que para nós travestis só falta a oportunidade de permanência nos estudos, pois com acesso ao estudo e com o respeito e apoio da sociedade nós podemos desempenhar qualquer papel. Ao me referenciar travesti eu quero mostrar para a sociedade que tudo de negativo e pejorativo associado a esse termo pode cair por terra com a nossa atuação e profissionalismo. (AUTORIA PRÓPRIA, 2021).

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo trazer luz para a atuação de infoeducadoras transexuais e travestis em bibliotecas escolares e as transformações que suas presenças ocasionam no ambiente escolar.

Após esse estudo conclui-se que há carência de representações de transexuais atuando como infoeducadoras (es) no Brasil até 2020 na literatura científica, o que comprometeu, em partes, o objetivo do estudo, porém, trouxe à luz as atuações de alguns professores (as) transexuais que acabam por exercer também o papel de infoeducadores (as), só que em sala de aula e não em bibliotecas escolares.

A prática da infoeducação como exposto, proporciona muitas formas de atuação na sociedade, vimos que ao se apropriar de suas ações leva-se mais informação de maneira concreta e pontual, capacita-se melhor os usuários e

educandos de determinado ambiente, bem como os torna capazes para ler não apenas livros, mas toda a vida de maneira crítica, humana e tolerante.

Ao atuar unindo os saberes, ensinando os usuários, educandos e docentes em suas dúvidas e questões cotidianas, sendo uma profissional de referência e excelência, por meio das narrativas apresentadas em torno das professoras transexuais e travestis em suas atuações em escolas e biblioteca escolar, conclui-se claramente que o fazer da infoeducação integra pessoas em prol de um mundo mais crítico quanto às informações, tolerante e solidário com as diferenças.

Dentro de todo o exposto reitera-se a justificativa da necessidade de mais profissionais trans não só em biblioteconomia como em todas as áreas, visto que as poucas travestis e transexuais que conseguem cursar algum nível supe-

rior ao atuarem em sociedade acabam por desmistificar tudo o que já se conhece a respeito.

Embora corpos trans e travestis a luz do dia continuem causando espanto na sociedade hetero patriarcal cis normativa e sexista, aos poucos e construindo redes estáveis e relevantes de atuações como o projeto Trans Educ Brasil, não só as pessoas LGBTIA+, mas todos os ditos *outsiders* ao se unirem, terem oportunidades reais de instrução e atuação acabam por desmistificar os conceitos negativos e pejorativos que lhes é atribuído.

Os assuntos abordados neste trabalho carecem de estudo maior pela sociedade brasileira. Espera-se com ele estimular a produção de tais temas embasados na infoeducação na busca de uma sociedade mais igualitária, tolerante, participativa e com equidade para todos os gêneros.

Foram realizadas novas buscas antes de enviar esse estudo para a editora Livrologia com os mesmos descritores já usados e não foi recuperado nada pertinente ou relevante.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marília dos Santos et al. “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. Belo Horizonte **Psicol. Soc.**, v. 26, n. 2, p. 301-311, Aug. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, 2012.

BRASIL. Tipos de bibliotecas. Secretaria especial da cultura. Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP). Disponível em: <<http://snbp.cultura.gov.br/tiposdebibliotecas/>> Acesso em 10 set. 2020.

_____. Lei nº 12.244, 24 de Maio de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm> Acessado em 25 de agosto de 2020.

_____. Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas - SNBP. Tipos de bibliotecas. dispo-

nível em:
<<http://snbp.cultura.gov.br/tiposdebibliotecas/>> Acesso em 10 de maio de 2020.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 42, p. 249-274, jun. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>.

CAMPELLO, Bernadete. D. S. Perspectivas de letramento informacional no brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 5, n. 2, 2010.

CARVALHO, Mário. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 52, e185211, 2018.

COSTA, J. F. **O papel da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem**. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de ciência da informação, Universidade de Brasília. Brasília, p. 95. 2013.

DÍAZ, Margarita; CHINAGLIA, Magda; DÍAZ, Juan. Estudo Qualitativo Sobre a Homofobia

no Ambiente Escolar em 11 Capitais Brasileiras. **Reprolatina**, Campinas, 2011.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FACCHINI, Regina; FRANCA, Isadora Lins; BRAZ, Camilo. Estudos sobre sexualidade, sociabilidade e mercado: olhares antropológicos contemporâneos. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 42, p. 99-140, junho de 2014.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estud. av.**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, ago. 2001.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 14, n. 2, pág. 03-11, junho de 2000.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, junho 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MODESTO, E. Transgeneridade: um complexo desafio. **Via Atlântica**, [S. l.], n. 24, p. 49-65, 2013.

PAIVA, M. de A. M. de; DUARTE, A. B. S. Biblioteca escolar: o que é? / School library: what is it?. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 19, n. 29, p. 87-106, 2017.

PERROTTI, Edmir. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Informação@Profissões**. Londrina, v. 5, n. 2, p.04-31, jul./dez. 2016.

_____; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda L. Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy P. (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96.

SILVA, Hélio Raymundo Santos. **Travestis: entre o espelho e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. Fusão das obras “travestis: a invenção do feminino” e “Certas Cariocas”.

REIDEL, Marina; SEFFNER, Fernando. Professoras travestis e transexuais: saberes docentes

e pedagogia do salto alto. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 445-464, maio/ago. 2015.

RODRIGUES, Ana Paula Kravczuk. **Gênero e sexualidade a partir de Foucault: o longo processo histórico de normalização e normatização dos corpos e das condutas**. Monografia. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 2016.

TORRES, M. A. A transformação de professoras transexuais na escola: transfobia e solidariedade em figurações sociais contemporâneas. **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, 29 nov. 2012.

_____; Docência, transexualidades e travestilidades: a emergência Rede Trans Educ Brasil. 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: <[https://anped.org.br/biblioteca/item/docencia-transexualidades-e travestilidades-emergencia-rede-trans-educ-brasil](https://anped.org.br/biblioteca/item/docencia-transexualidades-e-travestilidades-emergencia-rede-trans-educ-brasil)> Acesso em 30 de janeiro de 2021.

_____; PRADO, Marco Aurélio. Professoras transexuais e travestis no contexto escolar: entre estabelecidos e outsiders. **Educ. Real.** Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 201-220, março de 2014.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Editora Livrologia
www.livrologia.com.br

Título	Infoeducação e transexualidade: estudos iniciais
Autora	Melissa Maria da Silva
Coleção	Viramundo
Assistente Comercial	Nicole Brutti
Bibliotecária	Karina Ramos
Projeto Gráfico	Ivo Dickmann
Capa	Ivo Dickmann
Diagramação	Ivo Dickmann
Preparação dos Originais	Melissa Maria da Silva
Formato	10 cm x 15 cm
Tipologia	Fira Sans
Papel	Capa: Supremo 280 g/m ² Miolo: Pólen Soft 90 g/m ²
Número de Páginas	98
Publicação	2022

Queridos leitores e queridas leitoras:

Esperamos que esse livro tenha sido útil para você e seu campo de leitura, interesse, estudo e pesquisa.

Se ficou alguma dúvida ou tem alguma sugestão para nós, por favor, compartilhe conosco pelo e-mail:
livrologia@livrologia.com.br

PUBLIQUE CONOSCO VOCÊ TAMBÉM
CONHEÇA OS LIVROS JÁ PUBLICADOS
NO NOSSO SITE

www.livrologia.com.br

Trabalhos de Conclusão de Curso
Dissertações de Mestrado
Teses de Doutorado
Grupos de Estudo e Pesquisa
Coletâneas de Artigos

EDITORA LIVROLOGIA
Avenida Assis Brasil, nº 4550, sala 130, torre B,
Bairro São Sebastiao, Porto Alegre-RS
livrologia@livrologia.com.br